

## O TWITTER COMO INTERFACE PEDAGÓGICA: RELAÇÕES DIALÓGICAS EM E PARA ALÉM DE 280 CARACTERES

**Jucileide Maria Oliveira Cândido**

Mestranda em Linguagem e Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino – PPGLE/UFCG.

**Manassés Morais Xavier**

Doutor em Linguística. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino – PPGLE/UFCG.

### Resumo

Este artigo parte da questão-problema: Como a rede social *Twitter*, compreendida como interface pedagógica, pode promover o senso crítico em aulas de leitura no ensino de Língua Portuguesa em turmas do Ensino Médio? Vislumbrando respondê-la, elegemos como objetivo específico: analisar uma cena enunciativa de abril de 2021, retirada do *Twitter* do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, depois da entrevista concedida ao jornalista Reinaldo Azevedo na mesma data, bem como réplicas à postagem e uma sugestão de atividade de leitura na perspectiva discursiva. A Teoria Dialógica da Linguagem, do Círculo de Bakhtin, serve de arcabouço teórico. Tratando-se de método, selecionamos do *Twitter* uma cena enunciativa e recortes de seguidores que comentaram tal postagem. Sobre os resultados, sublinhamos que cumprimos com o papel de oferecer a estudiosos da linguagem uma análise de cenas enunciativas em rede social numa concepção dialógico-discursiva de ensino de leitura e uma sugestão de trabalho formativo.

**Palavras-chave:** Interação discursiva. *Twitter*. Ensino de Língua Portuguesa.

## THE TWITTER AS PEDAGOGICAL INTERFACE: DIALOGICAL RELATIONSHIPS IN AND BEYOND 280 CHARACTERS

**Abstract:** This article starts from the following problem question: How can the social network *Twitter*, understood as a pedagogical interface, promote critical sense in reading classes in Portuguese language teaching in high school level? In view of answering it, we established as a general objective: to analyze an enunciative scene of April of 2021, taken from the former President Luiz Inácio Lula da Silva's *Twitter*, after the interview given to the journalist Reinaldo Azevedo on the same date, as well as replicas to the post and a suggestion of reading activity in a discursive perspective. The Dialogical Theory of Language, of the Bakhtin Circle, serves as a theoretical framework. When it comes to the method, we selected, from *Twitter*, an enunciative scene and clippings of followers who had commented on such post. Regarding the results, we emphasize that we fulfill the role of offering language scholars an analysis of enunciative scenes in social network in a dialogical-discursive conception of reading teaching and a suggestion of formative work.

**Keywords:** Discursive interaction. *Twitter*. Portuguese Language Teaching.

### Considerações iniciais

Hodiernamente, deparamo-nos, no âmbito da comunicação social, com situações que requerem de nós um olhar mais atento e encorpado de criticidade, o que dificilmente acontece quando se relega o uso da linguagem em contextos sociais, sobretudo, no espaço das redes sociais. Nesses espaços, é possível perceber o quanto refletir sobre a linguagem é importante para que possamos compreender certas nuances, intenções explícitas ou não.

Ademais, as tecnologias da comunicação e da informação são, atualmente, um convite constante ao posicionamento, resolução de implicações sociais, ou seja, mudou completamente o modo como nos relacionamos. Nesse sentido, destacamos as redes sociais, especificamente, o *Twitter*, como “ecossistemas comunicativos” (XAVIER, 2020, p. 87) de interação discursiva a ser analisado a partir de um uso concreto da língua.

Considerando as frentes língua, sociedade, ensino e cultura digital, propomos, sob a perspectiva de leitura como uma prática dialógica, pensar as redes sociais como um ambiente propício para o desenvolvimento da interação discursiva. Este artigo emerge da seguinte questão-problema: Como a rede social *Twitter* compreendida como interface pedagógica pode promover, através das interações discursivas lá encontradas, o senso crítico em aulas de leitura no ensino de Língua Portuguesa em turmas do Ensino Médio? Para responder a essa demanda, elegemos como objetivo específico: analisar uma cena enunciativa<sup>1</sup>, de abril de 2021, retirada do *Twitter* do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, depois da entrevista concedida ao jornalista Reinaldo Azevedo na mesma data, bem como réplicas à postagem e uma sugestão de atividade de leitura na perspectiva discursiva.

Nesse sentido, faz-se pertinente entender o que é interação discursiva fenômeno que atravessa toda a teoria do Círculo de Bakhtin desde a sua própria constituição conceitual até a concepção de gêneros do discurso, uma vez que ela é considerada como inerente à linguagem. Além disso, este trabalho toma como arcabouço teórico pesquisas de natureza interativa da linguagem, dada a necessidade de se compreender enunciados marcados por vozes de sujeitos historicamente situados. Para tanto, há neste trabalho um percurso teórico entre as obras de Bakhtin (2020 [1985] ; 2016 [1952/1953]; 2011 [1979]) e Volóchinov (2019 [1930]; 2018 [1929]) as quais traçam nessas edições o conceito de interação imbricado às estruturas comunicativas da vida social; Brait (2020) e Sobral (2009) para trazerem contribuições elucidativas sobre a teoria de Bakhtin e o Círculo; Recuero (2009) para elucidar questões

---

<sup>1</sup> Adotamos a colocação “Chamamos de cena enunciativa os eventos de postagens e de réplicas às postagens produzidos no uso das redes sociais. Cena, por indicar episódio, experiência de linguagem materializada em dado tempo e espaço, portanto, um evento historicamente situado. Enunciativa por provocar processos de enunciação [...]”. (XAVIER; ALMEIDA, 2020, p. 1450)

relacionadas às redes sociais; Rojo, Barbosa (2015) para tratarem de gêneros multimodais e Fiorin (2020), Xavier, Almeida (2020) e Xavier (2020) por elucidarem alguns conceitos importantes.

Vislumbra-se, ainda, com essa concisa análise da literatura, reforçar o quão essa teoria é atual e está na ordem do dia, principalmente, quando há um desejo de tornar o aprendizado significativo. Portanto, as atividades de linguagem, quando embasadas por essa teoria, possibilitam o real exercício reflexivo da língua e seu uso discursivo nas atuais práticas.

Com vistas a expor um panorama introdutório, segue a organização do texto: uma discussão que trata do fenômeno social da linguagem na perspectiva interacionista de Bakhtin e o Círculo; outra que trata sobre a interação discursiva; um outro tópico que se destina a discutir sobre gêneros do discurso; um seguinte que se volta para a rede social *Twitter* enquanto interação discursiva e enquanto possibilidade pedagógica para as aulas de leitura (tópicos mais conceituais); uma análise de uma cena enunciativa retirada desse espaço interativo (tópico prático metodológico); e as considerações finais.

### **O fenômeno social da linguagem**

Sob a perspectiva da concepção de linguagem como fenômeno social que parte do princípio de situações comunicativas socialmente organizadas da qual se extrai enunciados produzidos por dois ou mais indivíduos, torna-se imprescindível compreender a linguagem como um fenômeno social oriundo de que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2016 [1952/1953], p. 11). Diante desse contexto sociológico da linguagem, infere-se que o enunciado na perspectiva da interação social, produto ou não de uma situação imediata (gêneros primários) ou de um contexto mais amplo/complexo (gêneros secundários), dispõe de um conjunto determinado pela comunidade linguística.

O enunciado é produto da interação social, “sempre está orientada para o outro” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 219). Através dessa relação com o outro, interagimos, com propósito de, depois da seleção para construção desses enunciados, levar o interlocutor a concordar, discordar e, assim, representados por réplicas<sup>2</sup> ocorre uma resposta, uma reação. A resposta ao interlocutor sempre é mediada pela orientação social como mais adiante Volóchinov, na mesma edição supracitada, aponta no tópico “A orientação social do enunciado”.

---

<sup>2</sup> Segundo Volóchinov na nota de rodapé de número seis esclarece (2019 [1930], p. 272) “[...] os enunciados trocados pelos participantes do diálogo são chamados de réplicas [...]”.

Para tanto, é exitoso ressaltar “a relação com os enunciados dos outros não pode ser separada da relação com o objeto (porque sobre ele discutem, sobre ele concordam, nele as pessoas se tocam) nem da relação com o próprio falante. Trata-se de uma tríade viva.” (BAKHTIN, 2016 [1952/1953], p. 99). A interação discursiva, à vista disso, envolve dois ou mais sujeitos que interagem, mesmo que o outro não esteja presente, pois a pergunta e a resposta a ele podem ser constituídas dentro do diálogo de um sujeito consigo mesmo, logo o eu não existe sem o outro nem o outro sem o eu, e, embora, o silêncio se faça configurado ainda podemos compreendê-lo como vinculado ao enunciado.

Em Marxismo e Filosofia da Linguagem, Volóchinov (2018 [1929]) esclarece “*a palavra é orientada para o interlocutor*, ou seja, é orientada para *quem* é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior ao interlocutor (em termos hierárquicos) [...]” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 204, grifos do autor). Desse ponto de vista, não é aceitável compreender a linguagem distante do social, assim como fora do âmbito da sua bilateralidade.

### **A interação discursiva e os gêneros discursivos**

“O homem não pode falar nenhuma palavra se permanecer simplesmente um homem, um indivíduo da natureza (biológico), uma espécie de bípede do reino animal” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 255). Partindo desse princípio de percebemos o quão a linguagem é essencialmente social, uma vez que por meio do que enunciamos, são evocadas as orientações que subjazem ao indivíduo em relação ao outro, propagando, nesse sentido, um teor discursivo contextualmente localizado em que emerge o colorido sociológico e histórico da linguagem. Disso também se abstrai que o ato comunicativo é dialógico por natureza enquanto operação polifônica, pois dentro do que se escreve, por exemplo, o sujeito deixa marcas oriundas do contexto social em que vive, além de transpor suposições frente ao seu interlocutor. Por intermédio do mencionado, ressalta-se que a linguagem, em sua efetividade, “*não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado[...], mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados*”. (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 218-219, grifo do autor).

Na esteira da interação social, os sujeitos constroem seus discursos atravessando os discursos de outros sujeitos, significados tanto no discurso interior quanto na réplica e nisso ininterruptamente se movimentam. E, apesar da existência da “[...] voz monológica firme pressupõe um apoio social firme, pressupõe um *nós*, independentemente de haver ou não

consciência disso. Para um solitário, sua própria voz se torna instável, sua própria unidade e sua concordância consigo mesmo se torna postulado.” (BAKHTIN 2011 [1979], p. 201, grifo do autor). Então, para Bakhtin a vida é dialógica por natureza.

Perante o exposto, compreendemos o emissor e o receptor como sujeitos plenos ou preenchidos, na interação, por fatores como: modalizações, referências extralinguísticas provenientes da orientação social, visto que o locutor é um ser social (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]). Nas palavras de Sobral (2009, p. 44) o círculo de Bakhtin compreende a interação sempre condicionada por situações dentro do âmbito pessoal, social e histórica dos interlocutores “ e pelas condições materiais e institucionais – imediatas e mediatas – em que ocorre o intercâmbio verbal. Todos esses elementos condicionam o discurso, tanto por meio da interdiscursividade [...] como por meio da relação dialógica entre os sujeitos do discurso. ” (SOBRAL, 2009, p. 44).

A interação condicionada à relação social e histórica remete a ideia de sujeito socialmente situado que toma como norte o outro (mesmo ausente) para construções de enunciados “relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos de gêneros do discurso.” (BAKHTIN, 2016 [1952/1953], p. 11). A própria produção dos gêneros discursivos implica numa linguagem que considera a interação social.

Os gêneros são enunciados construídos diante de uma determinada situação de interação como posto no tópico anterior, desse modo, “os enunciados e seus tipos, isto é, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. ” (BAKHTIN, 2016 [1952/1953], p. 20). Depreende-se que quaisquer alterações processuais provocam uma mudança de gênero, mesmo porque eles são determinados pela situação interativa.

Apoiado nisso, Bakhtin “distingue entre gêneros discursivos primários (da comunicação cotidiana) dos gêneros discursivos secundários (da comunicação produzida a partir de códigos culturais elaborados como a escrita.”. (BRAIT, 2020, p. 155). Tendo em vista o cotidiano, os gêneros construídos nesse contexto são considerados menos complexos, e os secundários, mais complexos. Engana-se, porém, quem acha que eles não se cruzam, há a possibilidade de um gênero primário ser incorporado ao secundário a depender da função comunicativa dentro do processo de interação. Dentro desse norte, ao tratar da diversidade de gêneros existentes, Bakhtin (2016 [1952/1953], p. 12) explica que isso ocorre em face da “multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e diferencia à medida que se desenvolve e ganha complexidade.”

Nesse recorte, fica evidente a relação dos gêneros discursivos com a atividade humana e, dada a sua diversidade, torna-se complicado mensurar revelando-se inesgotáveis. Longe de reduzir essa análise apenas a conceituação, busca-se analisá-los sob a lente das esferas comunicativas de circulação, seus sujeitos sociais envolvidos na disputa de interesses, além, claro, dos seus elementos constitutivos. Vejamos alguns parâmetros de análise, indicada por Bakhtin (2016 [1952/1953]), referindo-se as condições, as quais devem atentar as especificidades e as finalidades “[...] de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional.” (BAKHTIN, 2016 [1952/1953], p. 12). Do exposto, destacam-se as três dimensões, das quais enfocamos uma que é cara para teoria, pois analisa o tempo e o espaço da ação comunicativa, o tema que juntos constituem situação de interação. Dar-se o enfoque para essa dimensão, em virtude de, por muito tempo, não ter sido levado em conta.

No plano didático, à medida que o sujeito domina a língua, mais competente se apresenta para produzir os gêneros discursivos. Para tanto, o sujeito deve aceitar que “*a essência real da língua é o acontecimento social da interação discursiva, realizada em um ou muitos enunciados*”. (VOLÓCHINOV 2019 [1930], p. 268, grifos do autor). No âmbito desse enfoque, a interação do eu com o outro e o entrecruzamento das vozes estão sempre em evidência; portanto, levar em conta apenas as normatizações da língua não é suficiente.

### **O ensino de leitura na concepção do dialogismo**

Para Xavier (2020, p. 49), a leitura é uma prática complexa, não resumida a mera decodificação, mas que cobra minimamente duas concepções: “a de ler enquanto apreensão da tecnologia escrita, da palavra, e a de leitor enquanto agente sociocultural que faz a leitura, de fato, agir, acontecer, realizar.” Assim, nesta pesquisa, compreendemos a leitura como um ato de prática social, a partir do pressuposto de que ler é assumir o lugar de sujeito do discurso em situações concretas dentro da interação, portanto em constante relações dialógicas.

Ademais, quando Volóchinov (2019 [1930], p. 245, grifo do autor) diz “É completamente compreensível que um homem, vivendo isolado, não só criaria a linguagem, mas sequer uma cultura.”, podemos depreender que, no ato da escrita, um suposto autor instiga um diálogo com o possível leitor. Esse diálogo, necessariamente, permite a construção do texto, antecipa a atribuição de sentido para o leitor de referência ou audiência prevista. Diante disso, não há como construir um ensino de leitura que não considere a prática social em todas as etapas

da educação, ainda mais no Ensino Médio como explicita a Base Nacional Comum Curricular que distribui as habilidades de Língua Portuguesa em campos de atuação social, a título de exemplificação vejamos o que diz a seguinte habilidade:

(EM13LP01). Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações. (BRASIL, 2018, p. 506).

Percebemos aqui que o ato de ler, incontestavelmente, promove o diálogo discursivo com o autor do texto e, nessa esteira de engajamento/envolvimento, o leitor passa pela a experiência da leitura e constrói seu ponto de vista. A interação, por sua vez, permite compreender o movimento autor/texto/leitor, para tanto são inferidas as mensagens explícitas e implícitas dentro do enunciado. Dessa interação, surgem compreensões diversas e possíveis dentro do que se materializa ou não linguisticamente. Ao tomar o ensino de Língua Portuguesa nessa concepção, levamos em consideração tanto o social como o individual que segundo Fiorin (2020) a respeito dos estudos bakhtinianos propõem:

[...] examinar, do ponto de vista das relações dialógicas, não apenas as grandes polêmicas filosóficas, políticas, estéticas, econômicas, pedagógicas, mas também fenômenos da fala cotidiana, como a modelagem do enunciado pela opinião do interlocutor imediato ou de reprodução da fala do outro com uma entonação distinta da que foi utilizada, admirativa, zombeteira, irônica, desdenhosa, indignada, desconfiada, aprovadora, dubitativa, etc. (FIORIN, 2020, p. 31).

Desse ponto, devemos observar que o processo de leitura deve acionar a construção de sentidos diversos e, se mediada pelo professor, o aluno vive a experiência da leitura não de maneira passiva, mas responsivamente. Nessa atmosfera, no contexto do Ensino Médio, propomos um ensino de leitura, que valorize as reais necessidades do leitor contemporâneo que está cotidianamente exposto às plataformas colaborativas de interação e que, assim, precisa estar criticamente preparado para concordar, discordar, avaliar. A seguir, iremos conhecer a interface *Twitter*.

**O *Twitter*: interações discursivas em no máximo 280 caracteres**

Pretendemos, nesse tópico, apresentar o *Twitter*. Para tanto, evocamos dois pontos de vista sobre ele: o primeiro, olhá-lo mediante sua função enquanto rede social; e o segundo, como possibilidade pedagógica, podendo proporcionar uma alternativa de aprendizagem significativa nas aulas de leitura de Língua Portuguesa.

Tratar de redes sociais hoje é levar em consideração todo o contexto da cultura digital, haja vista que esses ecossistemas comunicativos não só promovem uma abertura cada vez mais ampla à participação como consequentemente reúnem o embate de vozes por meio da interação discursiva de sujeitos socialmente construídos. Ressaltamos, então, que mesmo os *sites* de redes sociais suportando as interações, “[...] eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. *São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes.*” (RECUERO, 2009, p. 103, grifo nosso).

Imbuídos pela contribuição de Recuero (2009), compreendemos o quanto as redes sociais oportunizam o encontro de vozes e são intrinsecamente constituídas por seus atores sociais historicamente situados. Logo, é a interação discursiva de atores sociais que define rede social, na ausência dela não se admite a reunião desses dois termos. Nessa observação, reafirmamos a natureza social da linguagem como requisito para a existência da rede social e, por conseguinte, a razão pela qual a estudamos à Luz da Teoria Dialógica da Linguagem que não dispensa sobremaneira o social. Interpelamos ainda a noção de ecossistemas comunicativos, tendo em vista que vincula vida social à aprendizagem, como elucida Xavier (2020) ao resgatar a origem do termo ecossistemas comunicativos no âmbito da educação reporta “[...] termo advindo de Martín-Barbero (2002) que põe em relação vida social e aprendizagem. Desse modo, o ecossistema comunicativo refere-se ao entorno que envolve os sujeitos sociais no mundo, ou nos mundos, em que estão inseridos [...]”. (XAVIER, 2020, p. 87).

Assim, não se trata de apenas inserir as redes sociais no ambiente escolar, mas de ressignificá-las, oportunizando uma leitura crítica. Não se trata de buscar um meio de entretenimento como se configurou por muito tempo uma tentativa de tornar a aula “atrativa”, isso é reducionismo, tendo em vista o que se propõe. Resignificar é trazer os sujeitos para o confronto de ideias, primando um diálogo construtivo dentro desse espaço social. É também na escola que se cruzam diversos ecossistemas comunicativos, sendo assim um ambiente propício para esse tipo de intervenção.



Ademais, por se tratar de um espaço produtivo, onde circulam discursos, não é difícil encontrarmos os entrecruzamentos de gêneros, dando suporte a necessidade enunciativa dos sujeitos que participam de determinada rede de interação coletiva ou atividade humana. Para tal, nesses ambientes encontramos textos, imagens e sons, linguagens que corresponde ao propósito comunicativo. O *Twitter* é, então, um espaço de circulação de textos múltiplos, multimodais. Ele possui um caráter multimodal, típico da contemporaneidade, assim, tanto a escrita quanto a oralidade, misturam-se com “[...] imagens estáticas [...] e em movimento (vídeos) e com sons (sonoplastias, músicas), a palavra ‘texto’ se estendeu a esses enunciados híbridos de ‘novo’ tipo, de tal modo que falamos em ‘textos orais’ e ‘textos multimodais’ [...]” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 25).

Nesse sentido, o *Twitter* carrega todas essas peculiaridades. Embora os usuários tenham apenas 280 caracteres, isso não impede a circulação de textos que tratam de assuntos variados que naturalmente associam-se a posicionamentos dos sujeitos sociais. Em se tratando de estrutura, Recuero (2009) explana sobre a existência de uma dinâmica nessa rede que compreende seguidores e pessoas a seguir, agrega também uma via para envio de mensagem privadas para outros usuários e acesso às mensagens públicas (esta última, iremos usufruir nesse trabalho), obtemos, ainda, a opção de direcionar mensagens, por meio do uso da tecla “@” acrescido do nome do destinatário.

Depois de, resumidamente, explorarmos as ferramentas de que dispõe o *Twitter*, elucidamos o nosso olhar para sua função social, absorvendo-o como ambiente favorável para a realização de posicionamentos refletidos nos enunciados concretos ideologicamente situados. Convocamos, dessa forma, o entendimento de que a rede social *Twitter* se configura como uma opção pedagógica, desde que, no ensino de leitura, não se perca de vista o sujeito social que através da linguagem revela a sua discursividade. Nesse caminho, há o objetivo de melhorar a percepção do discente quanto ao seu lugar de fala, o lugar de fala do outro, a construção reflexiva sobre interações discursivas postas em circulação, para depois ser competente ao ponto de legitimar seu ponto de vista.

Assumir essa visão sobre o ensino de leitura não aproxima o estudante da cultura digital, pois isso já o faz diariamente, e não é esse o objetivo, entretanto é pensar como faz! É aprimorar esse uso, é formar para o uso.

### **Interações discursivas no *Twitter*: o que está além dos 280 caracteres**

Nesse momento, iremos analisar uma cena enunciativa, resultado de uma entrevista, para que se tenha uma ideia de como podemos trabalhar com situações reais de uso da Língua no favorecimento do ensino de leitura. A seguir, revelaremos as relações dialógicas de uma cena enunciativa selecionada da rede social *Twitter*, evento que ocorreu em 1º de abril de 2021. Nessa cena, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (doravante, Lula) se pronuncia a respeito de uma entrevista concedida ao “O É DA COISA” apresentado pelo jornalista Reinaldo Azevedo, da emissora Band News FM.

A referida entrevista alcançou todos os índices de audiência em função de duas situações: primeiro por ter gerado muita expectativa, logo o jornalista é conhecido por ser crítico ferrenho do Partido dos Trabalhadores (doravante, PT), e segundo por ter sido a primeira entrevista do Lula depois do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Edson Fachin, ter decidido, dia 8 de março de 2021, anular todas as condenações do ex-presidente no que se refere à Operação Lava Jato. Fornecidos esses esclarecimentos, convocamos a Figura 01.



**Figura 01:** Postagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva  
**Fonte:** <https://twitter.com/LulaOficial/status/1377748006632624130> . Acesso em: 09 abr. 2021.

Essa postagem do ex-presidente Lula do PT apresenta-se como uma crítica ao então presidente Jair Messias Bolsonaro (doravante, Bolsonaro), atualmente sem partido, bem como a muitos de seus apoiadores, os quais apresentam certa resistência ao diálogo com quem pensa diferente de suas ideologias. Nessa postagem, o ex-presidente, por meio de sua conta no *Twitter*, tem o propósito comunicativo de demonstrar satisfação no que diz respeito à entrevista, mesmo diante de um de seus maiores críticos em sua trajetória política, o que embasa reforçando a ideia de conversa civilizada e, acaba por resgatar a falta de civilidade que julga encontrar no líder da situação.

Discursivamente, o ex-chefe de Estado ao marcar a conta de @reinaldoazevedo demonstra, em tom emotivo-volitivo, querer uma relação cordial chamando a atenção do

destinatário e, conseqüentemente, evidenciando a sua satisfação com o resultado da entrevista. Ainda em seu discurso reporta “*terem pontos de vista diferentes*” representando nesse trecho seu lugar de fala que não nega ser oposto tanto politicamente quanto ideologicamente ao lugar de fala do entrevistador.

Para esclarecer, pensemos na postagem como um enunciado concreto quando pomos em evidência o evento historicamente situado e que notadamente possui um lugar de fala. Portanto, trata-se de um discurso que carrega três implicações: expor sua satisfação com a entrevista; a de não se mostrar incomodado com opiniões adversas a sua; e a de resgatar alguns acontecimentos políticos, mesmo implicitamente, a respeito da resistência do presidente, em exercício, de conceder entrevista a quem não comunga dos mesmos ideais. Desse modo, essa publicação do ex-presidente resgata/responde implicitamente ao comportamento do atual presidente, visto que todo e qualquer enunciado “*responde a algo* e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais.” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 184, grifos do autor).

Assim, ao ser publicada essa postagem, criou-se um espaço comum e a partir disso uma abertura a ampla participação, própria a esse ambiente interativo. Os comentários, desse modo, caracterizam-se como um lugar para opiniões diversas que circulam desde a concordância quanto a discordância, ou seja, convida para um posicionamento. Todo esse ecossistema comunicativo de interação discursiva é valoroso para essa pesquisa.

Nesse sentido, no intuito de compreender o significado do enunciado concreto faz-se necessário olhá-lo minuciosamente. A partir dessa perspectiva, destacamos fragmentos de compreensões à postagem, já referida, por usuários da mesma rede social. Para tanto, vejamos a Figura 02:



**Figura 02:** Réplica à postagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva  
**Fonte:** <https://twitter.com/LulaOficial/status/1377748006632624130>. Acesso em: 09 abr. 2021.

Nessa figura, vemos um comentário que responde à postagem do ex-presidente, isso se configura como um gesto de interação discursiva propício do terreno das redes sociais. Nesse contexto, responder e compartilhar (*tweet*) são gestos que emergem a concepção de redes sociais como um lugar para se observar o dialogismo em situações reais de uso da língua, haja vista que é possível observar a atividade dialógica como exercício de compreender e de responder (concordando, refutando, reforçando...) enunciados concretos. Cabe uma observação, mesmo um gênero primário sendo alvo da réplica, isso não inibe o cruzamento com os gêneros secundários como se apresenta nessa Figura 02.

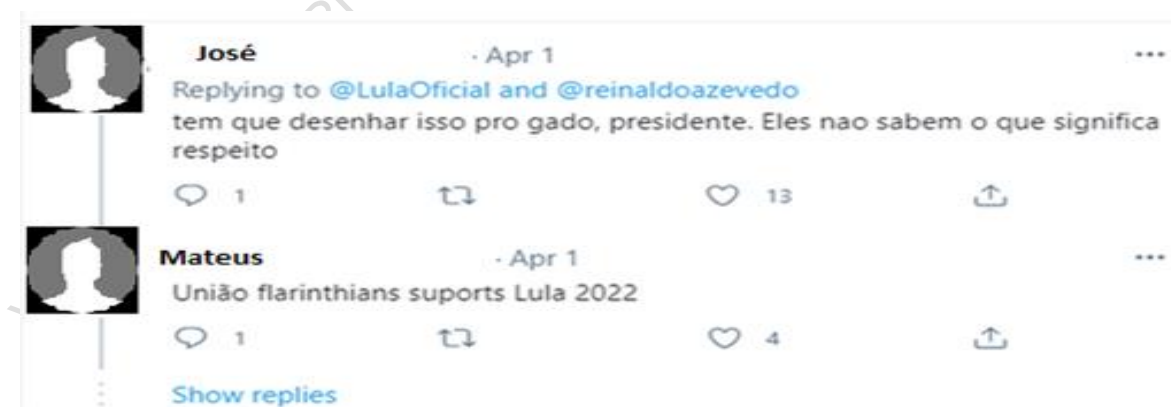
Nessa direção, Pedro, fazendo uso de uma analogia ao dia em que a entrevista se deu e que culturalmente é reconhecido como “o dia da mentira”, compartilha uma reportagem de um jornal local do estado do Ceará, terra do também Candidato à presidência em 2018, Ciro Gomes do Partido democrático trabalhista (doravante, PDT). A reportagem exhibe o comparecimento na votação do segundo turno. Esse *tweet* objetivou mostrar que o ex-presidente na entrevista havia mentido quando Reinaldo Azevedo perguntou se ele formaria algum tipo de aliança na próxima eleição. Em resposta, Lula disse que Ciro Gomes entregou o Brasil à Bolsonaro quando viajou à Europa. À época, muitos veículos de imprensa alegaram que o Cándido que ficou em 3º lugar no 1º turno viajou para não apoiar ninguém, o que gerou muitas revoltas por parte da oposição à Bolsonaro.

Entretanto, o posicionamento de Pedro vai de encontro ao que o ex-presidente falou na entrevista. Dialogicamente, o internauta põe em pauta um acontecimento anterior à postagem e refere-se ao fato de que intenciona mostrar via reportagem a incoerência na fala do

entrevistado. Ainda, ideologicamente, o fato de retomar um discurso encontrado no interior da entrevista, ou seja, um acontecimento social anterior à postagem, reforça o quanto a leitura deve ser mediada pelo olhar dialógico na busca por torná-la crítica. Vimos, anteriormente, um comentário ou réplica que se coloca em situação de discordância, uma vez que busca, inclusive, por meio de uma reportagem (gênero secundário), embasar seu discurso a fim de desmascarar o do Lula.

Essa interação salienta a concepção de que o *Twitter*, particularmente, funciona como um ecossistema comunicativo de interações discursivas o qual se volta para a expansão de sentidos, para outros desdobramentos de percepções, elucidando que é possível pessoas de comportamentos sociais distintos interagirem. Vejamos que Pedro assume-se no discurso como adverso a trechos da entrevista, valorando esses trechos como uma medida para descaracterizar toda a entrevista, o que em termos de discursos dialogicamente situados, é enfático o posicionamento contrário dele ao que foi proferido na entrevista e, notoriamente, avesso ao entrevistado. É válido ressaltar que esse comentário torna legítimo o fato de que as redes sociais promovem o encontro de pontos de vista diferentes como destaca Volóchinov (2019 [1930], p. 260, *grifos nosso*) ao dizer que “da ideologia do cotidiano surgem gradativamente numerosas ilhas e continentes de sistemas ideológicos: de ciência, arte, filosofia, *opiniões políticas*.”

Na réplica à postagem, compreendemos que se trata de uma vivência cotidiana que reflete a existência social por meio da interação discursiva de um enunciado concreto historicamente situado, pois traz à tona posicionamento frente ao acontecimento. Nesse momento, analisaremos a Figura 03:



**Figura 03:** Réplicas à postagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva

**Fonte:** <https://twitter.com/LulaOficial/status/1377748006632624130> . Acesso em: 09 abr. 2021.

José, enfaticamente, na Figura 03, concorda com a postagem do Ex-presidente, mas faz um alerta discursivo para a necessidade de “*desenhar pro gado*” expressão pejorativa que

ganhou visibilidade e replicabilidade desde a campanha de 2018. Na eleição, os apoiadores de Bolsonaro passaram a ser chamados, pela oposição, de gado com a justificativa de que o comportamento alienado e o efeito manada irracional nas redes sociais seria idêntico ao do animal. Nessa direção ao propor um desenho, a réplica faz ainda de maneira depreciativa, pois desenvolve a ideia de dificuldade de compreensão. O internauta Mateus faz o seguinte comentário em resposta a José “*união flarinthians suports Lula 2022*” que sinaliza a possibilidade de mover várias estratégias para vencer a batalha política contra Bolsonaro, ainda que isso se configure fazer alianças impensáveis noutro contexto. Tomando mais uma vez a réplica de Mateus percebemos que a aglutinação dos nomes das torcidas comunga do pensamento e até resgata a entrevista, uma vez que, durante o desenvolvimento dela, o ex-presidente aponta para uma união com outras frentes partidárias em prol da derrubada da situação. Nesse momento, vamos se voltar para a Figura 04.

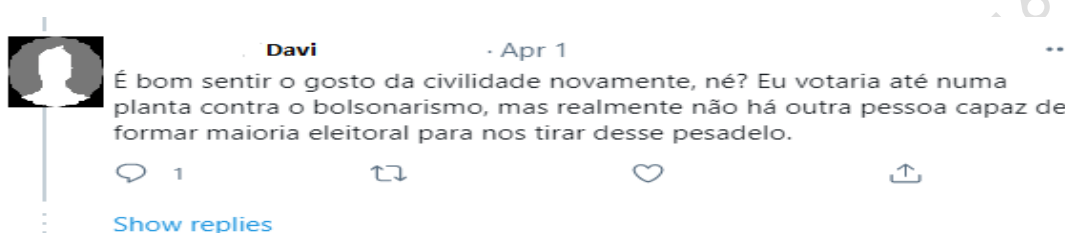


**Figura 04:** Réplicas à postagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva

**Fonte:** <https://twitter.com/LulaOficial/status/1377748006632624130> . Acesso em: 09 abr. 2021.

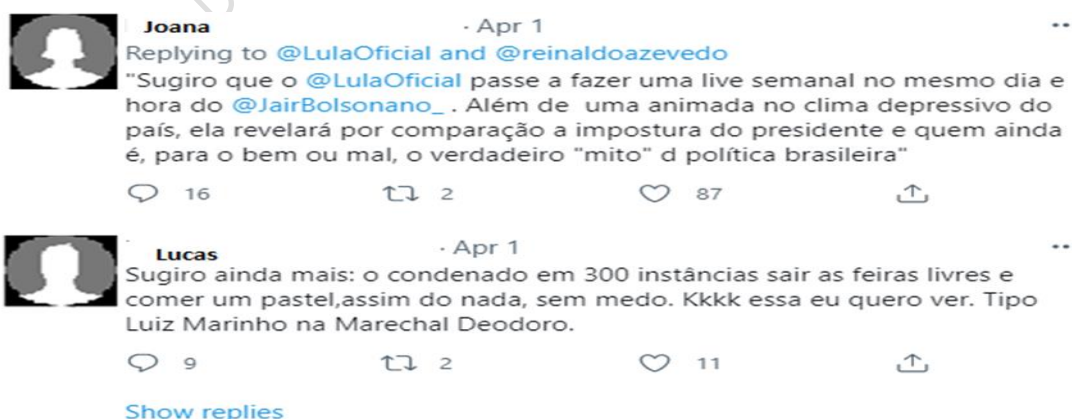
A discussão sobre o comportamento civilizado entre entrevistado e entrevistador voltou à cena enunciativa, demonstrando a valoração positiva dos seguidores à postura dos dois reforçando que no cenário brasileiro isso não tem sido comum. Isaac além de retomar a pauta iniciada por Lula no que concerne a questão da civilidade da conversa, traz à discussão, diferente do ex-presidente, uma postura mais direta ao mencionar “*Bolsonaro e de seus bolsominions*”, deixando claro que compreendeu a intenção comunicativa na postagem de Lula. Vale salientar, dois pontos a respeito da escolha da adjetivação *bolsominions* que supera ao fato da aglutinação dos nomes Bolsonaro e Minions: primeiro ponto de destaque é que *bolso* lembra o substantivo próprio Bolsonaro tido como vilão por parte de quem discorda da sua forma de governar o país, e *minions* são os representantes da figura daquelas pessoas servidoras de vilão assim como apresentou-se no longa-metragem de 2010 “O meu malvado favorito”, no qual os Minions serviam ao Malvado Gru.

O segundo ponto o qual motiva a insistência em chamar de maneira desdenhativa os apoiadores de Bolsonaro de bolsominions se dá pela linguagem sem nexos e incoerente no trato de confronto de opiniões, característica igualmente extraída dos personagens do filme supracitado, e assim consolida uma relação dialógica com ele. Vemos aqui que se nos limitássemos as normatizações da língua, perderíamos de vista a essência da adjetivação, porque, embora depreciativo os adjetivos gado (apresentado na figura 04) e bolsominions (na figura 05), não se resumem apenas a uma mera ofensa, mas uma crítica ao comportamento. Agora, vamos refletir sobre a Figura 05.



**Figura 05:** Réplicas à postagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva  
**Fonte:** <https://twitter.com/LulaOficial/status/1377748006632624130>. Acesso em: 09 abr. 2021.

Davi reporta faz uma pergunta retórica “*É bom sentir o gosto da civilidade novamente, num é?*”, entretanto, fica nítido o seu lugar de fala “*Eu votaria até numa planta contra o bolsonarismo*”, esse trecho enunciativo se olhado discursivamente não deixa obscuro a sua insatisfação com o cenário que vem se formando para 2022 e continua, “*mas realmente não há outra pessoa capaz de formar maioria eleitoral para nos tirar desse pesadelo.*” concluindo que não há outra opção. Atentemos na Figura 06:



**Figura 06:** Réplicas à postagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva  
**Fonte:** <https://twitter.com/LulaOficial/status/1377748006632624130>. Acesso em: 09 abr. 2021.

Na figura 06, encontramos tipos diferentes de se posicionar demarcado discursivamente. Joana sugere ao ex-presidente que faça *live* no mesmo dia do presidente e mostra audácia ao marcar a conta de @JairBolsonaro\_, haja vista sua justifica, que seria uma possibilidade de reduzir o clima depressivo que o país vivencia, referindo-se à pandemia. Por outro lado, ao propor uma transmissão ao vivo no horário convergente à *live* do Presidente Bolsonaro, possibilita a compreensão de que isso seria uma maneira de silenciar quem é nocivo ao país, tendo em vista o fato de que a entrevista rendeu uma audiência pouco vista nos últimos tempos.

Atendo-nos ao enunciado ‘[...] *ela revelará por comparação a impostura do presidente e quem ainda é, para o bem ou para o mal, o verdadeiro “mito” d política brasileira.*’, vemos nesse evento social de interação duas possíveis colocações a partir da fragmentação, tais como: a) *ela revelará por comparação a impostura do presidente [...]*, nesse trecho afirma que o presidente não tem postura e indica sua posição política adversa ao Presidente Bolsonaro. b) *[...] Je quem ainda é, para o bem ou para o mal, o verdadeiro “mito” d política brasileira.*, nesse fragmento reconhece, na concepção dela, que Lula é o verdadeiro mito. O uso do adjetivo mito ganha fôlego no cenário político desde a última eleição para presidente e trata-se de algo que é importante para uma determinada nação, de modo que a torcida do presidente Bolsonaro adotou esse termo por considerá-lo importante herói nacional.

No que diz respeito ao comentário de Lucas, encontramos uma relação diretamente estabelecida com o comentário de Joana, a julgar pelo uso do verbo sugerir no enunciado, porém com tom irônico “*sugiro ainda mais: o condenado em 300 instancias sair as feiras livres e comer um pastel, assim do nada, sem medo. Kkk essa eu quero ver. Tipo Luiz Marinho na Marechal Deodoro.*”. A partir desse enunciado concreto, façamos três análises de relações dialógicas presentes nele: 1) dessas relações construída se dá no momento em que ele retoma a questão dos processos de Lula, mencionados na entrevista; 2) se faz quando ele indica a sua ida à feira livre para comer pastel, retomando um episódio, reproduzido em várias redes sociais, em que o atual Presidente foi à feira comer pastel, nessa direção, Lucas intenciona que o mesmo o Ex-presidente não consegue fazer sem que isso ameasse sua segurança; e 3) a relação dialógica ocorre ao passo que ele acrescenta “*Tipo Luiz Marinho na Marechal Deodoro*”. Se não convocarmos ou mesmo se não tivermos acesso a informação de que Luiz Marinho sofreu apreensão dos materiais eleitorais no seu comitê localizado na rua Marechal Deodoro em 2020, talvez não compreendêssemos a intenção comunicativa de Lucas, ou seja, de dizer que o Ex-



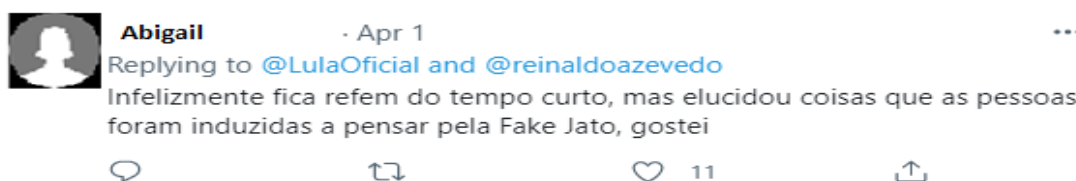
presidente será apreendido tal qual o seu colega de partido. Tomemos, nesse momento, a Figura 07:



**Figura 07:** Réplicas à postagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva  
**Fonte:** <https://twitter.com/LulaOficial/status/1377748006632624130> . Acesso em: 09 abr. 2021.

Dentro dos espaços públicos de interação vemos a presença de construções híbridas, assim como se configura na réplica de Abel, onde ele faz uso de um enunciado e de uma montagem que incorpora imagem, recursos gráficos verbais e não verbais, típico da internet com o objetivo de facilitar a compreensão contextual da situação.

O convite feito por Reinaldo Azevedo ao ex-presidente para participar de uma entrevista movimentou as redes sociais antes e depois do acontecimento, o que dividiu opiniões. Dentre os posicionamentos, a compreensão de que o entrevistador, na verdade, teria se rendido ao PT ou que ele foi bem menos crítico do geralmente fora na ausência do presidente. A publicação supramencionada reflete o pensamento do internauta, veja que na montagem a imagem de Reinaldo Azevedo recebeu um fundo vermelho com uma estrela e no interior dela o número 13 e o nome grafado Partido dos Trabalhadores, todos esses símbolos somados ao enunciado “*Ele te ama!*”, leva-nos a compreender o direcionamento dado pelo internauta. Sigamos para mais uma análise, agora na Figura 08:



**Figura 08:** Réplica à postagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva  
**Fonte:** <https://twitter.com/LulaOficial/status/1377748006632624130> . Acesso em: 09 abr. 2021.

Abigail, nessa réplica, ao usar do advérbio “*infelizmente*” demonstra seu desagrado com o tempo de entrevista e com o marcador argumentativo de adversidade relata que foi possível tratar de assuntos importantes, denominado por ela de “*Fake jato*”. O vocábulo *Fake* é de origem inglesa e significa falso ou falsificação, passando a ser, nos últimos anos, usado com mais frequência. Desse modo, quando ela associa a “*Jato*” intenciona relatar que a operação Lava Jato foi falsa, por demonstrar falhas no processo. Analisemos da Figura 09:



**FIGURA 09** – Réplica à postagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva  
**Fonte:** <https://twitter.com/LulaOficial/status/1377748006632624130> . Acesso em: 09 abr. 2021.

Por fim, vamos analisar a colocação de Adão que reporta “*concordo ex-presidiário*”. Vejamos que nesse recorte o tratamento “*ex-presidiário*”, usado como vocativo de forma irônica descaracteriza o dito “*concordo*”. Tendo em vista, ainda, a pontuação de que ele é *ex*-presidente, ele faz referência ao *ex*-presidiário no intuito de reduzir pejorativamente o entrevistado.

Até aqui consideramos o evento social e as réplicas de compreensões responsáveis e responsivas exploradas por cidadãos no exercício de uso da linguagem que concretizam suas perspectivas sobre um mesmo evento (a entrevista concedida por Lula a Reinaldo Azevedo) em um espaço coletivo de interação discursiva evidentemente capaz de agenciar vozes, reunir posicionamentos, valorações, tal qual o *Twitter*.

### **Considerações finais**

Diante dessa discussão, como uma leitura assim, mediada pelo professor, representa uma alternativa para o ensino de leitura com vistas à formação do leitor crítico no Ensino Médio? Partimos da prerrogativa que o uso das redes sociais, neste trabalho, especificamente, o *Twitter* como interface pedagógica e da natureza dialógica da linguagem, o ensino de leitura nesses moldes, permitiria o alcance de pelo menos três dimensões, a saber: a) tomá-lo no seu funcionamento real, concreto; b) incorporar a voz do outro no discurso; e c) considerar o sujeito intrinsecamente dialógico, por estar sempre se voltando para o outro.

Tais dimensões convocam o professor, no ato do planejamento, dado o engajamento dos envolvidos, construir um planejamento que leve em consideração a leitura de textos circulados, em uma elegida rede social, presente no dia a dia dos estudantes em que são debatidos temas pertinentes para sua formação integral enquanto sujeito pleno de seus exercícios cidadãos.

Depois dessa seleção, o planejamento deve priorizar o debate de ideias, instigar os posicionamentos que constituem o embate de vozes gerados nesses ambientes. Para tanto, o docente deve fazer os discentes refletirem sobre quem, quando, sob que circunstâncias, sob qual interesse os enunciados se materializaram? Depois desse primeiro movimento, ainda se deve pensar quais compreensões subjazem daqueles enunciados por parte de quem leu, o que levou os internautas a tomarem aquelas posições e, por fim, num terceiro movimento, questioná-los sobre suas compreensões, seus pontos de vista, sempre indagando a razão de suas escolhas.

Tudo isso levará professor e estudante a visualizarem que a linguagem em nenhuma circunstância é neutra, não fazendo sentido o estudo da língua isoladamente, que não reforce a sua fundamentação assentada na interação social, a qual, vale lembrar, não acontece somente em uma situação de diálogo entre duas pessoas. A intenção neste empreendimento também foi ampliar essa visão reducionista e mostrar como o *Twitter* pode e deve ser compreendido como interface pedagógica nas aulas de leitura em turmas do Ensino médio. Nesse sentido, procurou-se acentuar os aspectos significativos dentro dos moldes da significação, das concepções de linguagem, língua, gênero, estilo; bem como a situação determinada pelas práticas sociais na busca por perceber a interação discursiva como intrínseco no interior da linguagem.

Portanto, para que as aulas de leituras possam formar leitores críticos e com condições de produzir seu próprio ponto de vista, devemos esquecer a limitação que impõe o sistema abstrato de formas linguísticas, recorrendo a situações concretas/reais de uso da língua. Para isso, deve-se usufruir do movimento ininterrupto dos posicionamentos discursivos apresentados por sujeitos sociais, reconhecer, durante a leitura, referências extralinguísticas oriundas de orientações sociais, modalizações, deixar de crer na existência de um enunciado monológico, estar atentos às disputas de interesses e os entrecruzamentos de vozes. Tudo isso, levará as aulas de leitura para um caminho exitoso.

## Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução do russo Paulo Bezerra. 6. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011 [1979].

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016 [1952/1953].

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro e João Editores, 2020 [1985].

BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo, Contexto, 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROJO, R; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOBRAL, A. Dialogismo e interação. *In: Do dialogismo ao gênero - as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, p. 21-46.

VOLÓCHINOV, V. N. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019 [1930].

VOLÓCHINOV, V. N. A interação verbal. *In: Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterine Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

XAVIER, M. M. Educomunicação: um campo de formação para a prática de leituras dialógico-discursivas. *In: XAVIER, M. M. Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva*. São Paulo: Mentis Abertas; Campina Grande: EDUFCEG, 2020, p. 75-120.

XAVIER, M. M; ALMEIDA, M. F. Relações dialógicas em rede social: por um ensino discursivo de leitura. *In: Revista Letra Magna*. v. 16. n. 25. 2020, p. 1442-1460.